Quando foram anunciadas as indicações à nonagésima oitava edição dos prêmios Oscar, em 22 de janeiro de 2026, o filme “Pecadores” (2025, de Ryan Coogler) surpreendeu por ser mencionado em dezesseis categorias, um recorde absoluto — e dificílimo de ser superado daqui por diante, visto que o longa-metragem foi citado em todas as categorias possíveis de ser indicado, exceto uma, a de Melhor Atriz. Além deste feito impressionante, “Pecadores” foi exitoso em três searas: conseguiu ser lembrado pelos votantes, mesmo sendo lançado no mês de abril, bem antes da temporada de final de ano; trata-se de um filme de terror, comumente ignorado pelos membros mais conservadores da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas; e é produzido e interpretado majoritariamente por pessoas negras, comumente ignoradas pela premiação, historicamente associada a atos discriminatórios. Não por acaso, malgrado todos estes feitos, o filme não é o favorito nas categorias principais…

Alguns aspectos estruturais do filme contribuem para o estranhamento que ele causa, sendo bastante divisivo desde o seu lançamento: houve quem o considerasse, de imediato, um dos melhores do ano; houve quem enfatizasse uma lista de deméritos. Primeiro, porque o roteiro é simplista na construção de diálogos, sobretudo na segunda metade da obra, não obstante ser vigoroso no modo como denuncia o racismo — Exemplo: quando um personagem pergunta *“como é viver numa cidade sem segregação?”*, alguém responde: *“a diferença é que tem prédios!”*; e, segundo, porque a montagem é precipitada na implantação de ‘flashbacks’ e flashforwards’, além de não ser bem sucedida na instauração de situações paralelas, frequentemente utilizadas para demonstrar a bravata do realizador em sequências ambiciosas, como os planos longos que atravessam mais de um espaço. Onde o filme acerta, portanto?

Celebrando a quinta entrega actancial concedida pelo diretor ao seu ator-fetiche, Michael B. Jordan — que recebeu o prêmio de Melhor Interpretação Masculina, no Sindicato dos Atores, por este papel —, em “Pecadores”, o astro interpreta um papel duplo: ele vivifica os gêmeos Elijah/Fumaça e Elias/Fuligem, veteranos da I Guerra Mundial que agiam como gangsteres em Chicago e, ao retornarem para o Estado do Mississipi, onde cresceram, órfãos de mãe e culpados pela morte do pai abusador, resolvem converter um galpão recém-comprado de um fazendeiro branco (e indisfarçadamente racista) em salão de festas, com o objetivo de lucrar através da venda de bebidas alcoólicas, então proibida. Para isso, contam com a ajuda do primo Samuel Moore (Miles Caton), apelidado “Pastorzinho”, por ser filho do rígido Jedidiah (Saul Williams), líder religioso local, que considera pecado entregar-se à música: “*dance com*

o Diabo e, um, dia, ele te acompanhará até a tua casa", diz o pai de Samuel.

O título do filme, confirmando uma predicação de Jedidiah, possui interessante conotação crítica, no sentido de que a religião imposta como falsa apaziguadora de conflitos surge como motivação para as atitudes dos vilões, sendo mui representativo o instante em que Samuel, a fim de livrar-se de um ataque vampiresco, começa a rezar o Pai-Nosso, e surpreende-se ao perceber que o agressivo Remmick (Jack O'Connell), de origem irlandesa, completa a oração, dizendo que este foi o ensinamento que os invasores de seu povo impuseram-lhe à força. Que este personagem seja um vampiro perseguido por nativos indígenas e desejoso de apropriar-se da musicalidade negra é algo deveras significativo!

Ainda que o roteiro, escrito pelo próprio diretor não seja assaz exitoso na administração das mudanças de tom entre os segmentos do filme — que começa como uma homenagem racializada ao filmes de gângster, avança como um terror com toques cômicos e musicais, e termina com um epilogo vingativo em que um único personagem, pretensamente enlutado e segurando uma metralhadora, fuzila diversos membros da Ku Klux Klan —, os seus aspectos discursivos são fascinantes, o que se confirma numa das cenas exibidas durante os créditos finais, quando Samuel, já envelhecido e consolidado enquanto músico (interpretado pelo veterano Buddy Guy), recebe a visita de amigos do passado e comenta que a noite em que testemunhou a morte de quase todo mundo que conheceu na juventude foi, paradoxalmente, um dos dias mais felizes de sua vida, pois ele percebeu ser capaz de emitir um tipo de sonoridade *"capaz de rasgar o véu entre a vida e a morte"*. Ou seja, a assimilação um tanto estouvada das convenções dos filmes de vampiros serve como pretexto para a denúncia de outro tipo de vampirização, relacionada à apropriação cultural. Como o compositor sueco Ludwig Göransson, colaborador habitual do diretor e sumo favorito ao Oscar de Melhor Trilha Musical, é branco e europeu, isso adiciona mais um grau de questionamento às falas sobre convivência inter-racial contidas na obra — ora sinceras, enquanto aceitação das diferenças (vide o modo como a personagem Mary, vivida por Hailee Steinfeld, foi 'adotada" como irmã incestuosa pelos gêmeos protagonistas), ora desafiadoras, na maneira como os amigos de Fuligem e Fumaça, aprisionados no salão de festas, impedem a entrada dos vampiros no recinto. Destaque para as ótimas participações de Wunmi Mosaku e Delroy Lindo, ambos indicados como atores coadjuvantes. Os problemas do filme são variegados e, sim, talvez as dezesseis indicações tenham sido exageradas, mas, como tudo indica a manifestação de um descompasso entre o sobejo de indicações e a premiação, constatar-se-á como mais que

sintomático a manifestação de algo que o filme acerta em denunciar. Acontece muito ainda, infelizmente. O debate há de continuar após a cerimônia do dia 15 de março de 2026!

Wesley Pereira de Castro.

Fonte da imagem: https://i0.wp.com/projectedfigures.com/wp-content/uploads/2025/04/Screenshot-2025-04-22-at-11.20.35-e1745322077998.png?resize=810%2C540&ssl=1